

Expressões populares de frustração e fracasso no português brasileiro: datação e um estudo semântico

Laura Andrade¹
Rafaela Cordeiro²
Safira da Silva Naun³
Sarah Thomazi Passamani⁴
Orientador: Alexandre Medeiros⁵
(Co) orientação: Gabriel Santos Menezes⁶
(Co) orientação: David Augaitis Fogaça⁷

Resumo: O artigo analisa expressões idiomáticas brasileiras que denotam frustração, derrota ou decepção, tais como *ficar a ver navios*, *de mãos abanando* e *chupando o dedo*. Busca-se datar seu surgimento na língua (na imprensa nacional) e compreender o modo como essas expressões representam, linguisticamente, experiências de fracasso e resignação, articulando aspectos semânticos e culturais.

Palavras Chave: fraseologismo. expressões idiomáticas. frustração. datação. cultura popular.

Abstract: The article analyzes Brazilian idiomatic expressions that denote frustration, defeat, or disappointment, such as *ficar a ver navios*, *de mãos abanando*, and *chupando o dedo*. It aims to determine the period of their emergence in the language (in the national press) and to understand how these expressions linguistically represent experiences of failure and resignation, integrating semantic and cultural aspects.

Keywords: phraseologism; idiomatic expressions; frustration; dating; popular culture.

Introdução

O artigo reúne diversas expressões populares com que o brasileiro expressa frustração, derrota ou decepção. Com base nessas formas, temos uma base para examinar aspectos de nossa criação de metáforas, estilo e humor nacionais.

Parte importante da pesquisa é procurar estabelecer a data em que essas formas verbais ingressaram na imprensa nacional: com isto temos uma indicação do arraigamento da expressão em nossa cultura. Daí que para a elaboração deste artigo, valem-nos de uma valiosa ferramenta

¹. Aluna do 2º. Médio no Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

². Aluna do 2º. Médio no Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

³. Aluna do 3º. Médio do Colégio Luterano de São Paulo - <https://www.luterano.com.br/>

⁴. Aluna do 3º. Médio do Colégio Luterano de São Paulo - <https://www.luterano.com.br/>

⁵. Pós – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁶. Bacharel em Teologia – Seminário Teológico Batista; Professor do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁷. Pós – Doutor em Física pela Universidade de São Paulo – IFUSP; Professor do Colégio Luterano de São Paulo - <https://www.luterano.com.br/>

de pesquisa: o banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que oferece a consulta *on-line* de inúmeros jornais e revistas, desde o início do século XIX. Nas citações indicaremos o periódico, a sigla do Estado e a data de publicação.

Começamos por um levantamento: consultando com professores, parentes e conhecidos de várias gerações, obtivemos farto material: o conjunto de 14 locuções que analisaremos.

São elas:

Expressão	datação na BN
(sair com o) Rabo entre as pernas	1822
(dar com os) Burros n'água	1822
(meter a) Viola no saco	1822
(ficar com) Uma mão na frente, outra atrás	1919
(ficar) Chupando o dedo	1843
(ficar a) Ver navios	1849
(ficar/voltar de) Mãos abanando	1832
(deixar/não deixar) Passar em brancas nuvens	1899
(deixar/não deixar) Passar em branco	1830
Deixar barato	1969
Ficar na saudade	1963
Ficar na mão	1916
Perder o bonde da história	1960
Banho (/balde) de água fria	c. 1961

As diversas expressões

Começamos recolhendo o estudo de 4 expressões, verbete que tomamos do Dicionário de Lauand (2023) e que serviram de paradigma para nossas próprias análises:

Rabo entre as pernas/burros n'água/viola no saco/uma mão na frente, outra atrás

As três primeiras expressões de frustração são antigas e têm, juntas, sua primeira ocorrência na BN poucos dias depois do chamado Grito do Ipiranga. Um estudante brasileiro de Coimbra escreve para o Correio do Rio de Janeiro (em julho de 1822, mas a carta é publicada na edição de 21 de setembro daquele ano), falando do rancor de Lisboa para com o príncipe D. Pedro e o Brasil e do imperativo de “reconquistallo”:

Porem coitados derão (deram) com os burros n'agua, e já vão começando a metter o rabo entre as pernas, ou a viola no saco.

Esta última expressão aparece em queixosos versos publicados em Jeca-Tatú (Rio de Janeiro, 14 de junho de 1919):

Botaram-me daqui como peteca. Com uma mão na frente e a outra atrás.

Expressões do século XIX: chupando o dedo, ficar a ver navios, mãos abanando / brancas nuvens / passar em branco.

Há diversas expressões para designar a não consecução de um objetivo: algumas mais genéricas; outras, com alguma indicação adicional sobre o malogro, como é o caso por exemplo de “morrer na praia” que inclui implicitamente os esforços que quase culminaram no êxito, mas, afinal foram em vão. Encontramos também: “ficar a ver navios”, “passar em branco” (/brancas nuvens), “sair de mãos abanando”, “ficar na saudade” etc.

Uma expressão muito antiga, genérica, para a não obtenção do objetivo é a do insosso e inglório “ficar chupando o dedo”. Desde sempre, muita frequente na BN, sua primeira aparição dá-se no Jornal “O Cometa - PE”, em 21 de junho de 1843, quando um articulista se queixa de que nada ganhou em uma farta distribuição de cargos e benesses:

Que bello amigo he o Sr. Gago! só quiz apanhar a pasta e deixou-me chupando o dedo!! (O Cometa - PE, 21/06/1843)

Também na década de 1840 surge “ficar a ver navios”, expressão que se popularizará na década seguinte.

Em sua edição No. 40, de 1849, o periódico literário carioca “A Época: Jornal de Indústria, Ciências, Literatura e Belas Artes”, traz a primeira aparição na BN, nos versos humorísticos do “Testamento da viúva do Homem das Botas”:

[o pródigo falecido marido]
Gastou-me o dote em cortiça
Deixando-me a ver navios
E sem ter com que ir à missa (A Época, 1849)

Mais antiga ainda é “ficar/voltar de mãos abanando”, expressão que já aparece na BN (imprensa portuguesa) desde 1820. Em 5 de fevereiro de 1832, o periódico carioca “O Simplicio da Roça”, Número 14, investe contra Braga, a propósito de um cidadão que tinha obtido, na Câmara de sua cidade, um alvará e ao chegar a Braga, sem nenhuma razão, seu documento é invalidado:

O sujeito fica com as mãos abanando, e amaldiçoando a Braga, a todos os Bragueses, Bragões e Bragusios, e tratando até de imbecil quem lhe concedera hum despacho, que de nada servia sem o consentimento de Braga... (O Simplicio da Roça – RJ,

Em campo semântico próximo, encontramos, também no século XIX, deixar/não deixar “passar em brancas nuvens”, expressão que surge na BN em 1899. Um missivista, que tinha sido expulso de escola do Exército, protesta contra a arbitrariedade do General Guimarães, injusto e vingativo contra seus desafetos, ao mesmo tempo que:

Para seus protegidos ele fechava os olhos e deixava passar em brancas nuvens.
 (“Gazeta de Noticias” RJ, 27-02-1899)

“Brancas nuvens” era – por vezes, na época – usada como metáfora de serenidade e tempo calmo, como por exemplo em:

Às negruras e furores da noute succedem os brilhos de um céu azul, franjado de brancas nuvens e dourado por um sol mais claro.
 (“O Orbe” AL, 23-03-1879)

Já a expressão mais simples, deixar/não deixar “passar em branco” (deixar passar despercebido, sem registro, sem reação, sem comentário, sem comemoração etc.) é muito mais antiga. Sua aparição na BN remonta a 1830, quando um articulista adverte:

A Câmara dos Srs. Deputados talvez tenha mais que recear a indignação publica (...) se deixar passar em branco a responsabilidade do Ministério pelo extravio daquele empréstimo, e por muitas outras cousas.
 (“Astro de Minas” 17-08-1830)

Deixar barato

“Deixar barato” – não dar importância a algo, relevar e não tomar a atitude enérgica cabível em uma situação poderia levar a complicação, vingança ou retaliação – é expressão que aparece na BN em 1969. A primeira ocorrência é em uma narrativa de Plínio Marcos, uma “entrevista” com um carregador de mercadorias do Mercado Municipal de São Paulo, que só se expressa em gírias (o texto vem acompanhado de um “Dicionário” próprio, com 80 verbetes) e na qual ele afirma, a propósito de um arrivista violento, que atropelou os carregadores credenciados e quis tomar-lhes cargas:

Não vou deixar barato [...] Se tivesse uma draga [revólver] comigo, grampeava [matava] ele já.
 (“Realidade” SP, janeiro de 1969)

No mês seguinte, os “excedentes” da Escola de Comunicações Culturais da USP se insurgiram – elencando uma série de exigências – contra a exclusão por parte de uma faculdade que tinha muitas vagas ociosas (note-se as aspas, apropriadas para uma expressão nova):

E parece que não vão “deixar barato” estes pontos. É mais uma briga que começa.
 (“Diario da Noite” RJ, 21-02-1969)

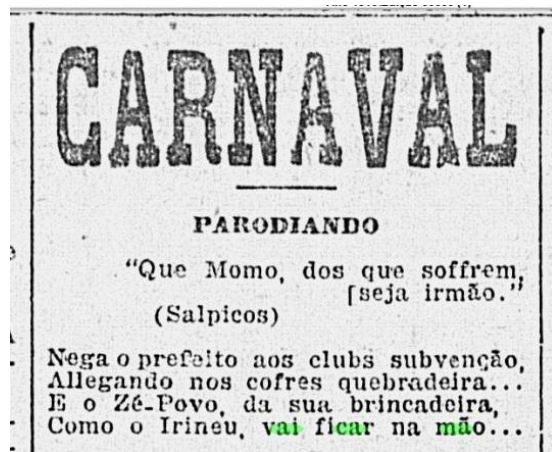
Ficar na saudade

“Ficar na saudade” é evidentemente expressão usada desde sempre em velórios, despedidas, festas de aposentadoria etc. Mas, assim sem complementos, no sentido de malogro, de deixar passar uma oportunidade, só surge na BN em 1963. Após infelizes atuações do time, o comentarista esportivo afirma:

Desse jeito, é fora de dúvida que o Bangu vai ficar na saudade: a moçada tem que se compenetrar que tem que jogar bola.
 (“Diario de Noticias” RJ, 30-11-1963)

Ficar na mão

“Ficar na mão” é mais uma expressão para frustração de expectativa, quando alguém é abandonado e sem aquilo com que contava por parte de algo ou alguém. Já aparece na BN no carnaval de 1916, quando o prefeito do Rio de Janeiro nega verbas para os “clubs” de foliões, alegando falta de fundos: “Nega o prefeito aos clubs subvenção, alegando nos cofres quebradeira e o zé-povo, da sua brincadeira. Como Irineu, vai ficar na mão” (Gazeta de Noticias RJ, 29/02/1916).



Perder o bonde da história

“Perder o bonde da história” é deixar passar uma oportunidade única. Naturalmente é um modo de dizer da época dos bondes, que, além do mais, tinham um trajeto – supõe-se que como a história... – fixo e imutável, imposto por seus trilhos. A expressão surge na BN em artigo de Theophilo Ribeiro (1922-2015) em artigo no qual comenta que o povo alemão “embarcou” no projeto nazista:

Não queria nem por nada perder o bonde da história, conduzido por Adolf Hitler.
 (“O Jornal” RJ, 27-03-1960)

Banho (/balde) de água fria

É praticamente impossível pesquisar na BN o surgimento da expressão no sentido especializado de frustração inesperada de um intento. Desde 1830, ela é usada como banho frio mesmo (não só de pessoas, mas também para lavar verduras, em processo de fundição de metais etc.).

Encontramos, porém, uma indicação do novo uso da expressão nas aspas do Correio da Manhã (RJ, 20 de junho de 1961). Dois ônibus lotados com um grupo de paulistas em viagem de turismo pelo Rio, chegam à barra da Tijuca e deparam-se com a proibição:

a bandeira vermelha foi “um banho de água fria” no desejo da maioria dos paulistas. O banho de mar também estava “no programa” (Correio da Manhã - RJ, 20/06/1961).

Não por acaso nossa expressão de frustração nasce nessa época, quando começa a se popularizar o banho quente com o surgimento do chuveiro elétrico, que ainda era uma novidade (e relativamente cara): só em 1955, a pioneira Lorenzetti lança sua primeira campanha publicitária. Note-se que a peça afronta os múltiplos temores dos consumidores quanto às possíveis ameaças dessa “grande inovação técnica” (O Fluminense - RJ, 19-06-1955):

Chuveiro “Lorenzetti” – 100% automático

- Funciona sem chave e alavanca
- Não oferece o menor perigo
- Nem mesmo para crianças
- Não queima
- Não estoura

- Não dá choque
- Tem jato mais forte
- Com dois calores



Considerações finais

Esta pesquisa representou para os autores um grande enriquecimento. Para começar, as longas horas pesquisando e ganhando familiaridade com uma maravilhosa ferramenta de pesquisa: a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Pudemos também examinar a riqueza de nuances em 14 formas vivas que a linguagem popular nos oferece – algumas bicentenárias (ou sesquicentenárias) –, em imensa riqueza de metáforas para designar a frustração e a decepção, quer esta seja aceita como definitiva ou não, com perda material ou afetiva etc.

O levantamento e a análise das expressões de frustração aqui apresentadas permitem entrever, por meio da linguagem popular, aspectos significativos da sensibilidade e do imaginário social brasileiros. As formas verbais estudadas – que vão de “dar com os burros n’água” a “perder o bonde da história” e “levar um banho de água fria” – compõem um verdadeiro repertório simbólico da derrota, do malogro e da decepção, expressos quase sempre com traços de ironia, humor e resignação.

Constata-se que muitas dessas expressões remontam ao século XIX, algumas mesmo ao início da Independência, revelando não apenas a antiguidade de certas imagens, mas também sua persistência no modo de sentir e narrar a experiência cotidiana.

A pesquisa de datação na imprensa, possibilitada pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional, oferece um instrumento valioso para o estudo histórico da língua e da cultura, permitindo situar o momento em que certas formas passam do uso oral à circulação pública e escrita.

Em conjunto, as expressões aqui reunidas desenharam um panorama de nosso modo peculiar de lidar com o fracasso: com humor, criatividade e certo fatalismo. Nelas, o brasileiro transforma a adversidade em narrativa espirituosa — revelando, assim, uma das faces mais duradouras de seu estilo e de sua visão de mundo.

Referências Bibliográficas

LAUAND, Jean. *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. Vol. 2 - São Paulo: Enguaguaçu, 2023

Recebido para publicação em 08-07-26; aceito em 11-08-26